

PESQUISA E MÉTODO, CAMINHOS QUE CONTRIBUEM PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Adriana Vieira Lins¹; Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas²; Claudio da Costa³

1 – Escola de Referência, Integral, Maria Ivone, Maceió. adriana.filosofia@hotmail.com;

2 – Escola de Referência, Integral, Maria Ivone, Maceió. dmoa1406@gmail.com;

3 – Prefeitura Municipal de Campo Alegre - Alagoas. professorclaudiodacosta@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo demonstrar o poder pedagógico do método da leitura imanente, em realizar revisões bibliográficas. Para esta demonstração, utilizou-se os trabalhos acadêmicos de Alda Judith Alves (1992). A autora não propôs em seu artigo uma metodologia apropriada para realizar a revisão de literatura; orientada pedagogicamente para extrair as unidades significativas e epistemológicas dos trabalhos acadêmicos selecionados para estudo. O método da leitura imanente se propõe, exatamente, a preencher essa lacuna e contribuir com a pesquisa crítica, social e educacional. É uma forma sistemática e rigorosa de estudar os trabalhos acadêmicos. Seu objetivo é contribuir para a apropriação de conhecimentos e desenvolver a autonomia intelectual do leitor. Seu telos é transformar o leitor em escritor. Consiste em uma didática de estudo, organizada em quatro momentos, o que caracteriza a sequência pedagógica do método.

Palavras-chave: pesquisa, método e emancipação humana.

Introdução

Este artigo tem como objetivo demonstrar o poder pedagógico do método da leitura imanente, em realizar revisões bibliográficas. E, com isso, preencher uma lacuna metodológica no âmbito das pesquisas sociais e educacionais. Um dos objetivos específicos foi formular um quadro lógico para expor trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações, teses e artigos), produzidos pelos componentes dos Grupos de Estudos e Pesquisas Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana, cadastrados no CNPq. Não há aquele que por necessidade, obrigação ou compromisso em fazer pesquisa não se ponha a pensar, imaginar e refletir sobre as inúmeras possibilidades e determinações que os componentes da pesquisa sobre o ser humano: objeto, objetivos, hipóteses, problema e problemática provocam no investigador.

Por conseguinte, é próprio do trabalho intelectual, acadêmico e sistemático, provocar inquietações, inquições e dúvidas sobre a forma de abordar o problema e definir o ponto de partida de uma pesquisa. Como iniciar a análise, desenvolver estratégias metodológicas

coerentes com o objeto de investigação, usar os instrumentos pertinentes para alcançar os objetivos propostos e os resultados almejados, enfrentar questões que se propõe a responder? Enfim, como descobrir, explicar e compreender o que não se pode determinar a priori? Questões como estas lançam o pesquisador em uma trama específica de um trabalho específico que conduz a desbravar realidades e que no início se manifestam apenas como sombras e penumbras. Pesquisar é exatamente isto: uma aventura que nos mobiliza a resolver enigmas e solucionar problemas, que a priori desconhecíamos completamente. Foi exatamente o que ocorreu nesta pesquisa.

No interessante artigo de Alda Judith Alves, intitulado A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis, é indicado algumas pesquisas interessantes, realizadas por Almeida (1977) e Castro e Holmesland (1984), sobre a qualidade das teses e dissertações defendidas e aprovadas em Programas de Pós-graduação no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, respectivamente. A pesquisa de Almeida comprovou que “70% das revisões se situaram nos níveis regular e sofrível, tendo sido também, dentre os aspectos avaliados, o mais frequentemente classificado como péssimo”. O que isto significa em termos de trabalhos acadêmicos de pós-graduação: dissertações de mestrado e teses de doutorado? Algo bastante grave, porque para Alves (1992, p. 54) “a má qualidade da revisão da literatura compromete todo o estudo, uma vez que esta não se constitui em uma seção isolada, mas, ao contrário, tem por objetivo iluminar o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, desde a definição do problema até a interpretação dos resultados”. Considerando a pertinência deste postulado a metodologia escolhida acabou se impondo como fio condutor à pesquisa.

É revelado o quanto é imprescindível e necessário a revisão bibliográfica ou revisão da literatura. Como então fazê-la? Eis o primeiro problema com o qual nos deparamos: como garantir qualidade na revisão bibliográfica? Embora consciente deste problema Alda Judith Alves em seu artigo não nos ensina como proceder e fazer a revisão de literatura. O que nos deixou bastante frustrado. Mas ao mesmo tempo se impôs como um desafio: sugerir um método de revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos e livros didáticos. Apesar da revisão da literatura ser de vital importância para determinar “[a] a contextualização do problema dentro da área de estudo; [b] a construção do referencial ou fundamentação teórica e [c] estar a serviço do problema da pesquisa”; não podemos esquecer de outro componente fundamental: [d] a construção delimitação do objeto da pesquisa. Todos sabemos os limites metodológicos das “orientações gerais”.

Alda J. Alves (1992, p. 54) formula uma proposição que, dada nossa expectativa em relação ao título de seu trabalho, é desconfortante: “se não se pode especificar como deve ser

[feito] uma revisão da literatura, é possível mostrar o que deve ser evitado”. Para tanto, Alda J. Alves, no final do artigo, enumera 13 recomendações. Mas saber se precaver a “evitar equívocos” é completamente diferente de saber fazer, praticamente, uma revisão bibliográfica ou revisão de literatura. Conclusão, Alda J. Alves não nos oferece um método que nos guie e oriente neste trabalho. E nós não estamos falando de “receita de bolo”, mas diretrizes, princípios norteadores e processos metodológicos, como, por exemplo, os do método do grupo focal e do método hermenêutico-dialético. Entretanto ela nos encoraja e propõe uma postura acalentadora: “devemos perseverar pesquisando”.

Além desta postura propõe um procedimento epistemológico que convém destacar e enfatizar, visando, além de socializar e compartilhar com nossos pares, fixá-los em nossas memórias. Postula nossa autora, uma compreensão compartilhada pela metodologia adotada nesta pesquisa: A produção de conhecimento não é um empreendimento isolado. É uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca, no qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema e os objetivos propostos¹.

Metodologia

O método é o caminho que conduz o pesquisador alcançar os objetivos. Contudo o objetivo tem pressupostos: a delimitação do objeto, a clara consciência do que, do porquê e do como se pesquisa. E quem praticamente operacionaliza esses componentes na/da pesquisa é o método. O objeto se constitui, por isso, no componente fundamental da pesquisa, e não se confunde com o objetivo e tampouco com o tema. Pesquisa sem objeto bem definido é método. O objeto se constitui, por isso, no componente fundamental da pesquisa, e não se confunde com o objetivo e tampouco com o tema. Pesquisa sem objeto bem definido é relatório, mera descrição da realidade, contribui muito pouco com o desenvolvimento das Ciências Humanas e Sociais.

¹ Sabemos que o objetivo, uma vez definido, congela, de certa forma, o trabalho acadêmico. Depois de fixado não há mais como flexibilizar os outros componentes da pesquisa, todas as capacidades e esforços intelectuais da pesquisador se orientam para alcançá-lo. Consequentemente, as avaliações de trabalhos acadêmicos praticamente se concentram nele, em verificar se o pesquisador conseguiu objetiva-lo. Depois do objetivo fixado há de se lançar mão de métodos que possibilitem os pesquisadores caminharem na pesquisa. O método é o caminho que conduz o pesquisador alcançar os objetivos. Contudo o objetivo tem pressupostos: a delimitação do objeto, a clara consciência do que, do porquê e do como se pesquisa. E quem praticamente operacionaliza esses componentes na/da pesquisa é o método. O objeto se constitui, por isso, no componente fundamental da pesquisa, e não se confunde com o objetivo e tampouco com o tema. Pesquisa sem objeto bem definido é relatório.

Então, a questão que não nos deixa calar e atormentar nossa mente como os demônios atormentam os cristãos fundamentalistas: como produzir ou construir o objeto de pesquisa? Postulamos que, concordando com Alves (p. 58), ele também é construído na revisão bibliográfica. Daí se desdobra outra questão: como se faz revisão bibliográfica? Mas apesar das contribuições inegáveis de Alda Judith Alves sobre a pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica, elas não respondem a esta questão. Encontramos esta resposta nos esforços dos trabalhos acadêmicos dos membros dos Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. O método da leitura imanente, utilizado por nós nesta pesquisa, encontra-se proposto nos livros Formação de Si: professores desacorrentados na cé(lu)la de aula, de autoria do professor Ciro Bezerra (2016) e no livro Território e Educação: análise crítica das contribuições do Observatório das Metrôpoles, de autoria de Bezerra e Avelino (2015).

A pergunta que Alves (1992, p. 53) se propõe a responder em seu artigo é: qual “o papel da revisão da bibliografia em trabalhos de pesquisa”? Como o Trabalho de Conclusão Final é parte das exigências para conclusão do Mestrado Profissional em Administração Pública, acreditamos que a revisão de literatura é imprescindível para cumprir esta etapa, que é a apresentação do Trabalho de Conclusão Final. Na primeira seção Alves (1992, p. 53) destaca a relevância da crítica para o pesquisador se situar dentro do conhecimento historicamente acumulado de um tema de pesquisa consolidado, e dentro do campo da Ciência e disciplinas com quem dialoga. A crítica está ligada diretamente a problematização.

Por sua vez, a problematização ajusta o pesquisador se posicionar melhor no campo temático da pesquisa. Há, portanto, uma cadeia lógica que liga os diferentes componentes de uma pesquisa: do levantamento de documentos e bibliografia, seleção do material levantado, passando pela revisão bibliográfica e pela elaboração de instrumentos como questionários e entrevistas, até a redação e exposição lógica, e tudo isso tendo que ser enquadrado nas normas acadêmicas.

Na segunda seção, Alves (1992, p. 53) analisa a categoria referencial teórico. Mas no percurso até aqui assinalado, que compreende a primeira seção, esperamos que já tenha ficado claro como é possível enfrentar as dificuldades e lacunas imanentes as pesquisas. Na terceira seção Alves (ibidem) expõe e problematiza os principais equívocos que devem ser evitados numa pesquisa. Especificamente os equívocos que se comete na revisão bibliográfica. Componente que baliza os trabalhos acadêmicos na pós-graduação, isto é, as teses e dissertações. Para demonstrar os equívocos que se cometem na revisão bibliográfica Alves utiliza o recurso da “caricatura”.

De acordo com Alves (1992, p. 56) existem diferentes formas de abordar e expor o que deve ser evitado numa revisão bibliográfica, ela adota a caricatura. “A caricatura é /.../ utilizada como recurso didático para facilitar o reconhecimento dos tipos focalizados; e induzir a rejeição dos tipos focalizados”. A título de ilustração indicamos abaixo as recomendações e proposta feitas por Alda Judith Alves para evitar equívocos na revisão bibliográfica e garantir a qualidade mínima nos trabalhos acadêmicos:

SUMMA

/.../ a suma é aquele tipo de revisão em que o autor considera necessário apresentar um resumo de toda produção científica da cultura ocidental (em anos recentes passando [a] incluir também contribuições de culturas orientais) sem o tema, e suas ramificações e relações com campos limítrofes. Por essa razão, poderia ser também chamada “do universo e outros assuntos.

ARQUEOLÓGICO

/.../ distingue -se da SUMMA pela ênfase na visão diacrônica /.../ começa pelos jesuítas mesmo que o problema diga respeito a politecnia; se o assunto for de educação física, considera imperioso recuar à Grécia clássica.

PATCHWORK

/.../ se caracteriza por apresentar uma colagem de conceitos, pesquisas e afirmações de diversos autores, sem um fio condutor capaz de guiar a caminhada do leitor através daquele labirinto.

SUSPENSE

/.../ Ao contrário do anterior, pode -se notar a existência de um roteiro, entretanto, como nos clássicos do gênero 66, alguns pontos da trama permanecem obscuros até o final. Dificuldade: saber aonde o autor quer chegar; qual a ligação dos fatos expostos com o tema do estudo. Em alguns casos, o mistério se esclarece nas páginas finais /.../ em outros /.../ tudo leva a crer que o estudo se encaminha numa direção e, de repente, se descobre que o foco é outro.

ROCOCÓ

/.../ Certos trabalhos acadêmicos nos quais conceituações teóricas rebuscadas (ou tratamentos metodológicos sofisticados) constituem os ‘elementos decorativos’ que tentam atribuir alguma elegância a irrelevantes.

CADERNO B

Texto leve que procura tratar, mesmo os assuntos mais complexos, de modo ligeiro, sem aprofundamentos cansativos. A predileção por fontes secundárias /.../ é uma constante /.../

COQUETEL TEÓRICO

Diz-se daquele estudo que, por atender a indisciplina dos dados, apela para todos os autores disponíveis /.../.

APÊNDICE INÚTIL

/.../ o pesquisador, após apresentar sua revisão de literatura, organizada em um ou mais capítulos a parte, aparentemente exaurido pelo esforço, recusa - se a voltar ao assunto. Nenhuma das pesquisas, conceituações. Esse fenômeno pode ocorrer com a revisão como um todo ou restringir a apenas um de seus capítulos.

MONÁSTICO

/.../ O estilo dos trabalhos acadêmicos deve ser necessariamente pobre, mortificante, conduzindo, assim, o leitor ao cultivo das virtudes da disciplina e da tolerância. Os estudos desse tipo nunca têm menos de 300 páginas.

CRONISTA SOCIAL

É aquele que o autor dá sempre um ‘jeitinho’ de citar que está na moda, aqui ou no exterior. Esse tipo de revisão de literatura é o principal responsável pelo surgimento dos ‘autores curinga’ que se tornam referência

COLONIZADO E XENÓFOBO

/.../ Um é exatamente o reverso do outro, ambos igualmente inadequados. O colonizado é aquele que se baseia exclusivamente em autores estrangeiros ignorando a produção científica nacional sobre o tema. O xenófobo, ao contrário, não admite citar literatura estrangeira, mesmo quando a produção nacional sobre o tema é insuficiente.

OFF THE RECORDS

/.../ refere-se àqueles casos em que o autor garante o anonimato às suas fontes, através da utilização frequente de expressões como “sabe-se”, ‘tem sido observado68’, ‘muitos autores’, ‘vários estudos’ e outros similares, impedindo seu leitor de avaliar a consistência das afirmações apresentadas, além de negar o crédito a quem merece.

VENTRÍLOQUO

É o tipo de revisão na qual o autor só fala pela boca dos outros, quer citando-os literalmente 69, quer parafraseando suas ideias. Em ambos os casos, a revisão torna-se uma sucessão monótona de afirmações, sem comparações entre elas, sem análises críticas, tomadas de posição ou resumos conclusivos. O estilo é facilmente reconhecível: os parágrafos se sucedem alterando expressões como ‘para fulano’, segundo beltrano.

Analisando criticamente o estado atual do conhecimento em sua área de interesse, comparando e contrastando abordagens teórico-metodológicas utilizadas e avaliando o peso e a confiabilidade de resultados de pesquisa, de modo a identificar pontos de consenso, bem

como controvérsias, regiões de sombra e lacunas que merecem ser esclarecidas (ALVES, p. 54). Desta forma não encontramos a resposta que procurávamos em Alda J. Alves, mas ela nos ajudou a prosseguir na busca de um método para realizar a revisão bibliográfica, de forma a garantir a qualidade mínima de nossa pesquisa. Descobrimos com Alves o que é necessário evitar, e isso não é pouca coisa. Nestas circunstâncias fomos tomados por uma grande vontade de prosseguir pesquisando. Com a consciência de que o planejamento (“reflexão que precede e preside a ação”) muda no processo de sua realização.

Mas o que desencadeia o afã nos pesquisadores para que se disponham a investigar com todas as forças que dispõe frente às dificuldades que enfrentam? O que move esta incontrolável força, este por teleológico (finalidade/obrigação das pessoas realizarem pesquisas, desde o “momento originário do trabalho humano” (LUKÁCS, 2013), como uma atividade humana necessária, independentemente de elas estarem vinculadas as instituições de ensino e pesquisa), subvertendo as pessoas em todos os lugares, e transformando-as em pesquisadores?

E na medida que envolvem as pessoas, estas não conseguem resistir ao emaranhado dos sentidos da pesquisa. Ora, toda e qualquer investigação nos posiciona, necessariamente, no turbilhão de um complexo de atividades, inventadas pelo ser humano; atividades geohistóricas que tem, claro, a sua gênese, mas que não será objeto de nossa análise nesse trabalho. Atividades que muitas vezes desconhecemos plenamente, mas apenas as intuímos por participarmos de uma cultura estruturada e institucionalizada historicamente, sob rígidas regras de comunicação social, imanente a natureza da própria pesquisa. Há uma relação ontológica inquestionável entre pesquisador e pesquisado. Uma relação que Kant (1724 - 1804), em sua Crítica da Razão Pura, supôs existir entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível, a relação sujeito e objeto na pesquisa.

Se prestarmos atenção observaremos que os fundamentos ontológicos das relações científicas são similares as relações existentes entre ser humano e natureza, e esta, no mundo humano, é mediada pelo trabalho. Admitindo esse pressuposto postulamos, então, que a pesquisa é uma forma concreta de trabalho: trabalho intelectual. Este possui as suas próprias dinâmicas, regras, normas, instrumentos e saberes técnicos e sistematizados, conhecimentos científicos, exigindo capacidades específicas para ser realizado, que se vivenciadas com paciência e persistência desenvolvem habitus, disposições, faculdades, ethos, e é atravessada por princípios éticos e, se pensarmos na filosofia estoica e epicurista, contribui para desenvolver a estética da existência humana. Neste caso as pesquisas não são um fim em si mesmas, mas provocam efeitos políticos, sociais, psicológicos e culturais.

Produzem, por exemplo, valores de uso, conhecimentos de todos os matizes, a formação de si, entre outros fatos sociais. A pesquisa social e educacional promove resultados que transformam toda sociedade: geográfica, cultural, social e inclusive o modo de vida dos sujeitos pedagógicos. Por ser trabalho a pesquisa é portadora de dialética singular, que envolve teleologia, nexos causais e elaborações dos meios (LUKÁCS, 2013). Somos envolvidos na dialética do trabalho da pesquisa desde o momento em que realizamos pesquisas, ainda que espontaneamente. A prática espontânea em pesquisar, para acomodar a curiosidade, ou a finalidade ou obrigação em realizar pesquisas sistemáticas, tendo em vista as demandas sociais, é o bastante para posicionar as pessoas, teleologicamente, na dialética do trabalho da pesquisa.

Nossa tese é que a própria forma social, no caso a forma social pesquisador, se consubstancia na atividade de pesquisar, como uma forma de ser ou modo de existência, é exteriorização de relações sociais concretas—o que, portanto, não é simples palavra ou variável, de qualquer espécie: dependente ou independente (MIRANDA, SILVEIRA, RICHARTSON, 2013); muito menos extrínsecas e intervenientes; mas, considerando a perspectiva ontológica, pesquisador é uma categoria social, e categoria está referenciada no mundo real, liga socialmente ser e pensamento; imaginação e existência; interioridade e exterioridade humanas; psicologia, sociedade e cultura.

Pelo fato de estar ancorada no mundo real, imbricada nas relações sociais, as categorias se nos impõe com tanta força objetiva e vinculante que não temos outra alternativa senão assumi-las como princípio e diretriz de nossas existências, capazes de nos possibilitar a relação com os outros e, desta forma, existirmos no mundo. Estes são os efeitos da personificação das formas sociais. Pensar sobre este processo é imprescindível para compreender as dinâmicas sociais da pesquisa.

Conclusão

No final das contas é a vivência em pesquisa, “a familiaridade com o estado do conhecimento /.../ que torna o pesquisador capaz de problematizar um tema” e evitar equívocos de revisão de literatura. A familiaridade com o estado do conhecimento assume importância ímpar. Quanto maior intimidade no trato com a pesquisa maior tende a ser a capacidade do pesquisador problematizar determinado tema. A problematização do tema abre possibilidade dos estudos e pesquisas contribuírem para o conhecimento avançar, seja esclarecendo questões controversas ou revelando a inconsistência de postulados estabelecidos, ou preenchendo lacunas identificadas.

A Conclusão é a análise crítica é primordial em uma pesquisa. É o que Alves enuncia reiteradamente de diferentes formas. Já os componentes categoriais da análise crítica são aspectos básicos para a compreensão da “lógica adotada para a construção do objeto”. Warde (1990, p. 4) orienta que nos trabalhos acadêmicos, sobretudo nos de pós-graduação, devem aparecer na introdução à lógica da construção do objeto. A negação da personificação das formas sociais significa negar a socialização do ser humano, o que é um absurdo se pensamos na natureza deste ser. Esta é uma característica da força das relações entre forma social e relações sociais legítimas, existentes em todas as sociedades, comunidades e grupos sociais existentes. É imanente a isto que nós humanos nos inventamos e (re) inventamos em grupos, comunidades e sociedades; que tão logo as relações sociais projetem formas sociais e as personificamos elas nos reinventam.

O pesquisador é uma categoria desse tipo. Nesta situação, qualquer pessoa posicionada socialmente como pesquisador não pode se furtar em desenvolver e afirmar os atributos do que seja considerado socialmente pesquisador. O que significa que as vontades pessoais eclipsam diante da obrigação social de personificar as diversas formas sociais existentes, forjadas por relações sociais, em cada lugar social e institucional. As formas sociais personificadas nos mais diversos lugares constituem um verdadeiro mosaico que enriquecem a configuração da Geografia Humana. Isto é um fato irrefutável e irreversível do gênero humano, imanente a todo os períodos da história e processos de sociabilidade.

Isto é válido não apenas para as pessoas que pesquisam, mas para todos os participantes dos processos de personificação das formas sociais, como a personificação de pai, filho, professor, aluno, ou qual quer profissão, e mesmo a categoria pesquisador. Há, portanto, uma força objetiva e um poder incontornável na personificação das formas sociais pelas pessoas, nela as forças subjetivas são impotentes e subvertidas pelas forças objetivas que ela contém (apesar de sempre plurais, porque vinculadas a nós, as forças subjetivas são particularizadas em cada situação social, em cada lugar social ou instituição – família, igreja, escola, trabalho, sindicatos, organizações políticas).

As forças subjetivas são objetivamente “subsumidas” nos processos objetivos de personificação das formas sociais pelas pessoas. Isso nos obriga buscar uma estratégia inteligente para enfrentarmos as formas sociais que se impõe às nossas vontades e que nos posiciona socialmente, como é a forma social pesquisador. E nos parece que a atitude basilar é conhecer os princípios e procedimentos da pesquisa propostos pelos pesquisadores experientes. Conhecer os processos, instrumentos e resultados a que ela nos conduz.

Todos os intelectuais contemporâneos serão um dia fisicamente ausentes, que, com os futuros intelectuais presentes, constituirão a “comunidade” de intelectuais com quem todos os sujeitos pedagógicos entram em contato em suas atividades, hoje e no futuro. Nisto é importante enfatizar a longevidade e universalidade dos conhecimentos produzidos sociogeohistoricamente diante da brevidade da existência pessoal. Vividos como “atividade humana sensível”, o estudo e a pesquisa ajudam-nos a existir melhor no mundo, ética e esteticamente, e com mais consciência sobre essas qualidades de nossa existência. Daí podermos pensar em estética da existência. O estudo e a pesquisa também desenvolvem a capacidade de intervir no mundo, e avaliar racionalmente as consequências desta intervenção. Estas características filosóficas fundamentam o que, de fato, propomos como método de revisão bibliográfica.

A revisão da bibliografia ou revisão da literatura é também uma revisão cultural, ética e estética do gênero humano, praticada por todas as pessoas, durante a atividade de estudar e pesquisar. Estas “atividades humanas sensíveis” permitem o ser humano atuar e contemplar o legado cultural gerado nos diferentes continentes. Portanto, tais atividades materializam a dialética entre a singularidade cultural dos povos, sua ética e seu ethos, e a universalidade dos registros dessa singularidade pelo pensamento, que podem ser filosóficos, poéticos, científicos, cinematográficos, teatrais, entre muitas outras linguagens, expressões e formas ou gêneros literários, vivenciados pelo gênero humano. Esta é a visão marxista ancorada nos sentidos da categoria trabalho.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Risoleta – *Avaliação das teses de mestrado na área de educação no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. UFRJ: Dissertação de Mestrado. Mimeografado, 1977

ALVES, Alda Judith – **A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis**. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Nº 81, pp. 53-60, maio, 1992.

_____. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Nº 77, pp. 53-61, maio, 1991.

BEZERRA, Ciro. **Crítica à Sociologia: conhecimento e educação**. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I: Sociologia do Conhecimento na Modernidade; Volume II: Sociologia da Educação no Século XXI.

_____. ***A conspiração do vampiro: pesquisa, currículo e ensino médio, técnico e profissional no Brasil.*** Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I e II.

_____. ***Professores desacorrentados na cé(lu)la de aula ou Formação de si: um método para resistir e emancipar.*** Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2016.

_____. ***Geografia do capital: desenvolvimento territorial, educação do campo e políticas públicas.*** São Paulo: Tese (Pós-doutoramento) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente. Brasil, 2011.

_____. ***Economia política do trabalho pedagógico.*** Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2010.

_____. ***Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci.*** Maceió: EDUFAL, 2009.

BOURDIEU, Pierre –***A distinção: crítica social do julgamento.*** São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. ***A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.*** 3ª edição. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. ***O poder simbólico.*** 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.